



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, do Tocantins - IFTO - Campus Colinas
Pós-Graduação Lato Sensu em Docência para a Educação Profissional e
Tecnológica

LUCAS HOEFLING GRONOVICZ

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA (AUTISMO) NA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA (UNB)**

Colinas / TO

2023

LUCAS HOEFLING GRONOVICZ

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA (AUTISMO) NA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA (UNB)**

Trabalho Final de Curso apresentado Programa de Pós-graduação *Lato sensu* em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Tocantins – IFTO – Campus Colinas, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Dra. Antonia Maria da Silva

Colinas / TO

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda a sustentação dentro e fora da Faculdade e da Pós-Graduação, pela sabedoria e por cada sopro de vida que é me oferecido a cada manhã, onde posso avançar e crescer individual e coletivamente, e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização de toda essa pós-graduação. A estas pessoas estorno aqui meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, irmãos e parentes que mesmo distantes se fizeram presentes ao longo deste trabalho, com mensagens de incentivo, carinho e apoio para que eu fosse até o fim com muita determinação.

A Profa. Dra. Antonia Maria da Silva, minha orientadora, por ter me acolhido tão bem e com suas palavras certas fizeram acreditar cada vez mais em mim. Por suas orientações, pelo compartilhar de conhecimentos e material bibliográfico, e pelo carinho e confiança em mim dispensados desde o início dessa parceria. E a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me apoiaram e incentivaram na conquista de mais uma etapa na minha vida.

Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver. É um aprendizado constante quando o ser humano se permite conhecer o mundo singular do autismo.

(*SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 6*)

RESUMO

Este trabalho visa identificar o processo de inclusão dos discentes com TEA (Autismo) na Universidade de Brasília (UnB) como também analisar quais são os desafios enfrentados por estes discentes, analisar como deve ser o ambiente para que esses alunos se sintam acolhidos, visa também identificar se a DACES - Diretoria de Acessibilidade do Decato de Assuntos Comunitários tem dado suporte necessário para que estes alunos possam frequentar as aulas tendo auxílio na organização e planejamento das atividades acadêmicas a serem desenvolvidas pelo estudante apoiado. Nesse sentido , afirma-se que estar em consonância com o paradigma da inclusão significa direcionar o olhar para a compreensão da diversidade, oportunizando a aprendizagem de todos alunos respeitando suas diferenças e não apenas os inserindo em espaços educacionais sem a flexibilização de currículos, métodos e técnicas que contemplem as necessidades individuais de pessoas com autismo.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Universidade de Brasília.

ABSTRACT

This work aims to identify the process of inclusion of students with ASD (Autism) at the University of Brasilia -UNB, as well as analyze the challenges faced by these students, analyze what the environment should be like so that these students feel welcomed, and also aims to identify whether DACES - Accessibility Directorate of the Community Affairs Department has provided the necessary support so that these students can attend classes, assisting in the organization and planning of the academic activities to be carried out by the supported student. In this sense, it is stated that it is in line with the inclusion paradigm means focusing on understanding diversity, providing learning opportunities for all students, respecting their differences and not just inserting them into educational spaces without making curricula, methods and techniques more flexible that take into account the individual needs of people with autism.

Keywords: Autism. Inclusion. University of Brasilia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Cordão de fita com desenhos de girassóis como símbolo nacional de identificação de pessoas com deficiências ocultas..... 14
- Figura 2 - Cartão de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea)..... 15

LISTA DE GRÁFICOS

Quadro 1 – Os professores dão suporte necessário ou fazem alguma adaptação quando ficam sabendo que o aluno tem TEA?	20
Quadro 2 – Você tem TEA?	21
Quadro 3 – Você acha que a UnB está preparada para receber alunos com TEA?	21
Quadro 4 - Como você acha que é o suporte da DACES?.....	22

LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
CIPTEA	Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista
DACES	Diretoria de Acessibilidade do Decanto de Assuntos Comunitários
IES	Instituições de Ensino Superior
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	15
2 DESENVOLVIMENTO	18
2.1 PESQUISA	20
3 CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA UnB.....	27

Eixo Tecnológico: Universidade de Brasília (UnB)

Curso Graduação: Toda a Universidade de Brasília

Disciplina: A intervenção reflexiva sobre pessoas autistas na UnB foi realizada em ambiente de várias disciplinas.

Tema: Inclusão de alunos com TEA (Autismo) na Universidade de Brasília (UnB).

Objetivo: analisar quais são os desafios enfrentados por estes discentes, analisar como deve ser o ambiente para que esses alunos sintam-se acolhidos.

Descrição das principais atividades desenvolvidas: Nesta etapa, foi utilizada a pesquisa descritiva, pois ela exige do investigador uma série de informações no qual deseja obter. De acordo com o Triviños (1987) esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Em relação a abordagem, foi utilizada a qualitativa pois está relacionada nos levantamentos de dados sobre um problema específico para tentar solucionar e compreender esse problema no qual seria a inclusão de alunos com TEA (autismo) na Universidade de Brasília - UnB .

De acordo com Kaplan e Duchon, (1988 p. 571) “as principais características dos métodos qualitativos são a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa”.

Por fim, foi feito os dados primários pois o próprio pesquisador está coletando informações para fins específicos do seu estudo. Em essência, as perguntas são feitas sob medida para obter os dados no qual ajudaram no desenvolvimento da pesquisa. Nesta etapa, foi feita uma seleção de quem iria participar da pesquisa levando em consideração o tema abordado da pesquisa. Os participantes da pesquisa serão os próprios estudantes da Universidade de Brasília - UnB. Para responder ao questionário o estudante deverá ser estudante da UnB além disso, poderiam responder ao questionário alunos, alunos com autismo, professores e servidores.

O questionário foi escolhido pois é um instrumento de pesquisa que possibilita o investigador fazer perguntas abertas (que geralmente rendem mais discussão), fechadas (que geralmente são mais diretas) ou mistas (quando conta com perguntas abertas e fechadas) além disso, pode ser feita tanto pessoalmente quanto via internet

sendo assim, o questionário tinha seis perguntas, porém duas questões eram dissertativas e quatro objetivas.

Marconi e Lakatos (2003, p. 201) definem questionário como sendo “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 201-202) e Gil (1999, p. 128-129) pode-se apontar vantagens e limitações no uso de questionários:

a. Vantagens – atinge grande número de pessoas simultaneamente; abrange uma extensa área geográfica; economiza tempo e dinheiro; não exige o treinamento de aplicadores; garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais conveniente; não expõe o entrevistado à influência do pesquisador; obtém respostas mais rápidas e mais precisas; possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

b. Limitações – pequena quantidade de questionários respondidos; perguntas sem respostas; exclui pessoas analfabetas; impossibilita o auxílio quando não é entendida a questão; dificuldade de compreensão pode levar a uma uniformidade aparente; o desconhecimento das circunstâncias em que foi respondido pode ser importante na avaliação da qualidade das respostas; durante a leitura de todas as questões, antes de respondê-las, uma questão pode influenciar a outra; proporciona resultados críticos em relação à objetividade, pois os itens podem ter significados diferentes para cada sujeito.

Sem dúvida, os depoimentos dos estudantes com TEA apresentados nas pesquisas citadas anteriormente, aliados ao crescente número desses estudantes ingressando na universidade, mostram a relevância e a urgência de atentarmos para a inclusão desses sujeitos no contexto acadêmico. Por certo, se as características ou especificidades dos estudantes autistas forem ignoradas por professores e demais atores das instituições de ensino superior, isso resultará em muito sofrimento e desgaste para eles, podendo ter como consequência a não aprendizagem e, por conseguinte, a desistência ou evasão do curso.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade ampliar o conhecimento acerca da educação Inclusiva e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na atualidade. A escolha pelo tema se deve ao fato de desejarmos aprofundar nossos estudos em Educação Especial, pois percebemos a necessidade de conhecermos mais sobre o assunto e, ao mesmo tempo, compreender como vem ocorrendo a inclusão deste grupo nas universidades.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou oficialmente o autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com a organização, o TEA é descrito como um distúrbio do neurodesenvolvimento, que acaba afetando a forma que as pessoas se comunicam e se comportam. Estima-se que no Brasil cerca de 2 milhões de brasileiros vivam com autismo. Possível de ser identificado em todas as idades, o diagnóstico de autismo na vida adulta tem se tornado cada vez mais comum devido às campanhas de conscientização.

A educação no Brasil foi bastante limitada, além de restrito a um determinado grupo social, principalmente, no ensino superior. As pessoas com TEA, por muito tempo, não possuíam garantias legais de acesso e permanência nas instituições de educação básica, tampouco ao ensino superior, por não conseguirem se adequar às normas e às condutas homogêneas desenvolvidas nesses ambientes educativos.

Atualmente, de acordo com o que é estabelecido na Constituição Federal de 1988 (CF), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 (LDB) e na Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 (LBI) nenhum indivíduo deve ser excluído dos espaços educacionais em decorrência de suas diferenças e/ou deficiências (BRASIL, 1996; BRASIL, 1998; BRASIL, 2015).

O autismo é uma deficiência invisível, ou seja, não há maneiras de identificar apenas visualmente o transtorno, e por isso não faz sentido dizer que alguém parece ou não autista. Não existe um fenótipo para o autismo como existe para pessoas com síndrome de Down, por exemplo. Como o autismo é um espectro, ele se manifesta de forma única em cada pessoa, sendo impossível tentar achar um padrão visual para identificá-la. Esta multiplicidade pode dificultar até mesmo a busca por diagnóstico, que pode levar anos. Justamente pela dificuldade de identificação imediata. Autistas,

familiares e cuidadores costumam passar por situações constrangedoras quando precisam acessar serviços prioritários ou destinados exclusivamente a pessoas com deficiência.

No mês de julho, no entanto, foi aprovada uma lei para facilitar a identificação em todo território nacional, não só de pessoas com autismo, mas também outras pessoas com deficiências invisíveis – como surdez, deficiências cognitivas e limitações intelectuais, por exemplo. A Lei 14.624 oficializou o cordão de fita com desenhos de girassóis como símbolo nacional de identificação de pessoas com deficiências ocultas.

O uso do cordão é opcional. Quem usa, no entanto, ainda precisa apresentar um documento que comprove a deficiência, caso seja solicitado. Quem não usa continua tendo os mesmos direitos garantidos por lei.

Os autistas são oficialmente considerados pessoas com deficiência no Brasil desde a aprovação da Lei 12.764, a chamada Lei Berenice Piana (BRASIL, 2012).

O principal objetivo do uso do cordão de girassol é facilitar a identificação das pessoas e permitir que tenham rápido acesso aos seus direitos – como filas, assentos e vagas preferenciais – sem passar por constrangimentos.

O supermercado, por exemplo, é um lugar que pode ser extremamente desconfortável para um autista. Cheio de luzes, com som alto e diferentes aromas, pode se tornar um pesadelo para pessoas com hipersensibilidade. Passar à frente na fila para poder sair mais rápido pode ser muito importante para estas pessoas. Mas, como não se trata de uma deficiência visível, há quem duvide, reclame ou gere constrangimento para autistas e familiares neste momento. O cordão de girassol facilita o reconhecimento destas pessoas e as ajuda a receberem suporte mais rapidamente.

Figura 1 - Cordão de fita com desenhos de girassóis como símbolo nacional de identificação de pessoas com deficiências ocultas.



Fonte: (AUTISMO..., 2023).

A CIPTEA é um direito previsto pela Lei Romeo Mion (13.977/2020) (BRASIL, 2020). Seu objetivo é facilitar a identificação e otimizar o acesso de autistas nos serviços públicos e privados, especialmente nas áreas de saúde, educação e assistência social, como detalha a legislação:

- garantindo a atenção integral
- garantindo o pronto atendimento
- oferecendo a prioridade no atendimento

O documento é expedido por órgãos estaduais, distritais e municipais que executam a Política Nacional de Direitos da Pessoa com TEA e deve ter validade de, pelo menos, cinco anos. Durante esse período, os dados cadastrais do identificado devem estar sempre atualizados.

Figura 2 – Cartão de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea)



Fonte: Do autor, 2023

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A inclusão no Brasil vem progredindo, além disso, a inclusão é necessária e é um processo fundamental para poder se ter experiência, informações e conhecimentos.

Segundo a autora Rocha (2011) o Censo da Educação Superior de 2010 confirma uma crescente entrada de alunos público-alvo da educação especial na educação superior nos últimos anos. Vale ressaltar que essa inclusão deve ser feita de maneira eficaz e que ao mesmo tempo assegure a aprendizagem.

Tanto ao jovem autista quanto à família e amigos, é importante lembrar que o momento de saída do ensino médio para o ensino superior é uma fase complicada e que pode ser bastante estressante. Além da pressão de uma aprovação no vestibular, esta é uma fase de transição para a vida adulta. O autista que entra para a universidade ou grau técnico (assim como aqueles que vão direto para o mercado de trabalho) não está apenas voltando à sala de aula, mas está entrando para lugares da sociedade onde não há uma flexibilidade tão grande sobre quais decisões tomar.

Por isso, cabe seguir algumas dicas importantes e pertinentes na hora de escolher tanto o curso quanto a instituição:

- Escolher uma área que, além de estar de acordo com suas habilidades, não cause prejuízos à saúde mental.
- Verificar se a instituição possui suporte a alunos com necessidades especiais.
- Escolher um local de estudo que esteja amparado por uma boa estrutura de mobilidade.
- Entender que fatores ambientais ao redor do local poderão causar alterações sensoriais.

Embora a construção de um ambiente inclusivo seja um desafio, é imprescindível que a instituição responsável pela tarefa de escolarizar a pessoa com TEA permita que o próprio educando busque para si uma formação adequada e coerente com o aprendizado ali mediado. Pois, o aluno, ao mesmo tempo em que está experimentando um processo de desenvolvimento educativo, está vivenciando todas as questões sociais que o envolve. “Uma vez que o trabalho com o aprendente autista visa à conquista da sua independência, as atividades diárias necessitam ser gerenciadas para alcançar este objetivo” (CUNHA, 2019, p. 91).

Não existe cura para o autismo, já que não se trata de uma doença, mas, sim, de uma condição permanente. Porém, com uma rede de acolhimento e apoio, intervenções multidisciplinares adequadas e suportes ambientais, podemos proporcionar as condições para que o autista desenvolva seu potencial e se torne autônomo. Quanto mais precocemente forem estabelecidas as intervenções, maiores as chances de um bom desenvolvimento.

Dentro da Universidade de Brasília (UnB) tem a Diretoria de Acessibilidade do Decanto de Assuntos Comunitários (DACES) ela ajuda o estudante a contemplar formas alternativas de avaliação que considerem as especificidades das disciplinas e as condições particulares de aprendizagem do/a estudante; privilegiar as habilidades individuais; propõem pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas além disso, propõem atividades que estimulem o pensamento lógico; evitar atividades muito longas; propõem atividades baseadas no interesse do aluno, visto que pessoas dentro do espectro autista apresentam interesses repetitivos (hiperfoco) sendo um estímulo para interação e alternativa de aprendizagem; oferece a possibilidade de métodos alternativos e flexíveis de avaliação, relacionando seus interesses/foco com os

conhecimentos trabalhados em aula. Sugere-se avaliações por meio de projetos, prova oral, questões objetivas e respostas diagramadas ou por esquemas, dentre outros recursos.

2 DESENVOLVIMENTO

Primeiramente é importante reconhecer quais os pontos de interesse do aluno, e se aproximar com disposição para participar desse mundo dela ou dele. Algumas, por exemplo, têm o hiperfoco (por livros, números, um personagem), que pode ser o ponto de partida para uma aproximação, e uma posterior ampliação de repertório.

Outro ponto muito importante seria analisar se o estudante tem uma comunicação não verbal é fundamental falar com ela ou ele. Essa fala precisa ser clara, direta, com poucas interjeições, e sem espaço para dúvidas – e se torna mais eficiente quando associada a gestos e expressões condizentes com o que se quer comunicar. Nessa linha, vale utilizar também os recursos visuais como imagens, fotos e sinalizações pelo ambiente escolar.

Precisamos também entender as características bem comuns dos alunos com autismo no qual seria a sensibilidade auditiva. Portanto, barulhos inesperados e conversas paralelas associadas a movimentações constantes dos colegas podem desorganizar o pensamento desses alunos, principalmente em ambientes fechados. A universidade deve investir em propostas realizadas nas áreas externas, que diluem melhor esses ruídos.

A Universidade precisa seguir algumas estratégias para manter o aluno com autismo em sala de aula são: privilegiar vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; privilegiar as habilidades individuais; propor pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas; incentivar sempre; propor atividades que estimulem o pensamento lógico; adaptar o currículo, as metodologias e o processo avaliativo; evitar atividades muito longas; utilizar jogos; explorar o cotidiano; utilizar abordagens sensoriais (visual, auditivo, cinestésico); propor atividades baseadas no interesse do aluno; utilizar o concreto e o lúdico, mesmo na universidade.

Conforme Baptista (2006. p. 93) “[...] o compromisso do educador tem como base a apropriação de seus próprios recursos e instrumentos: a observação, o diálogo, a negociação e a avaliação retroalimentam o agir do educador”. Desta forma, o professor deve rever as informações, conhecer e ter sensibilidade para lidar com as limitações e necessidades do aluno. Não basta ter formação, o lado humanístico deve

estar presente em cada atividade realizada.

Serviu-se ainda dos estudos de Gauderer (Gauderer 1993 apud PRAÇA, 2011), estudioso que se aprofundou na pesquisa e análise em busca de compreender o comportamento das pessoas autistas; também os trabalhos desenvolvidos por Baptista (2006), que discorre sobre a importância de um currículo flexibilizado para facilitar o trabalho realizado pelos professores no atendimento a alunos autistas. E Correia (1997), que aborda os desafios necessários para a implantação da educação inclusiva nas escolas, mostrando que a educação inclusiva vai além da acessibilidade, é preciso sensibilidade e mudança de concepção, adaptação curricular e formação adequada dos profissionais.

Essas considerações nos levam a refletir sobre a forma como o espectro do autismo desafia a universidade. Então surge a pergunta: Se há profissionais então qual é o problema? Seria a falta de conhecimentos, de estudos na área? Outro autor utilizado foi Beyer (2007), que discorre sobre a evolução do processo inclusivo de alunos especiais nas salas de aula. Ele aborda ainda a grande preocupação que deve existir em relação a falta de preparo ou lentidão na formação de professores para trabalhar com alunos especiais.

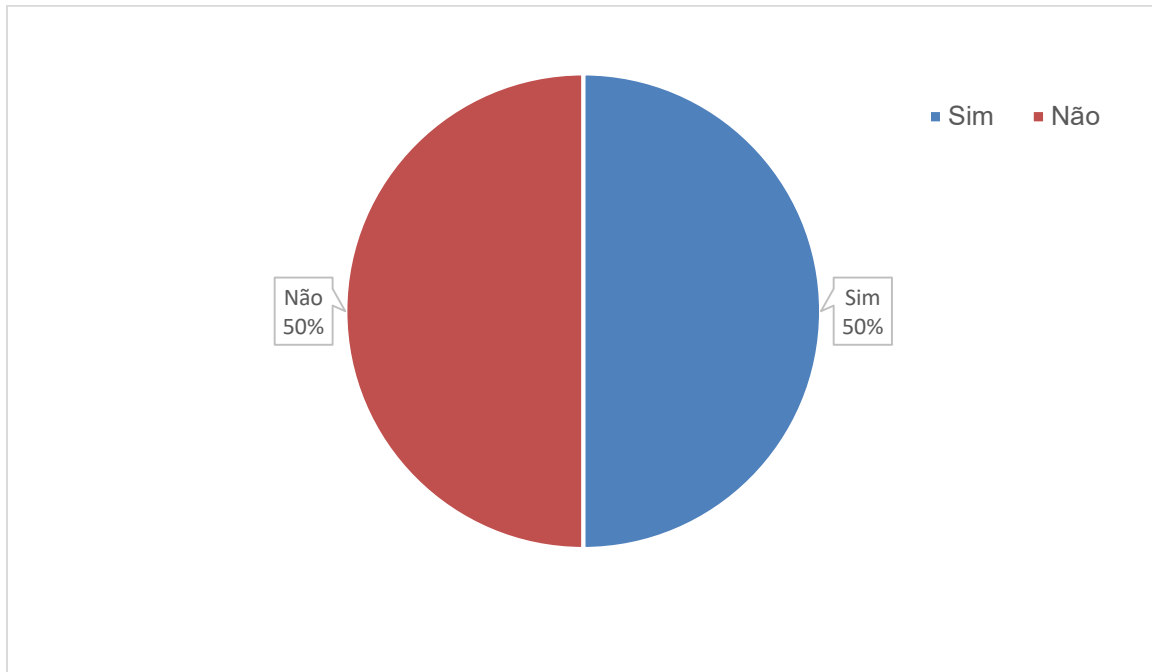
Percebe-se a necessidade de mais preparo dos profissionais da educação que devem ter formação adequada para receberem estes alunos. Que os mesmos não só sejam matriculados, mas tenha seus direitos garantidos, uma educação de qualidade.

O professor é o principal responsável em tornar possível a socialização do aluno com autismo na sala de aula e adequar metodologias que venham atender as necessidades dos mesmos. Pois é ele quem recebe e estabelece o primeiro contato com o aluno, é do professor o desafio de efetivar o processo de inclusão, considerando que é seu dever criar estratégias de desenvolvimento que atenda as necessidades de todos os alunos.

O professor é uma chave de suma importância para detectar as dificuldades de seus alunos, pois é indispensável que ele conheça todas as características e tenha um pleno conhecimento do que é o autismo para que haja propriedades nas práticas aplicadas que visem na inclusão e no desenvolvimento dos alunos. Conhecer para ajudar vai fazer grande diferença na vida destes alunos que muitas vezes sofrem preconceitos ou discriminação devido suas peculiaridades.

2.1 PESQUISA

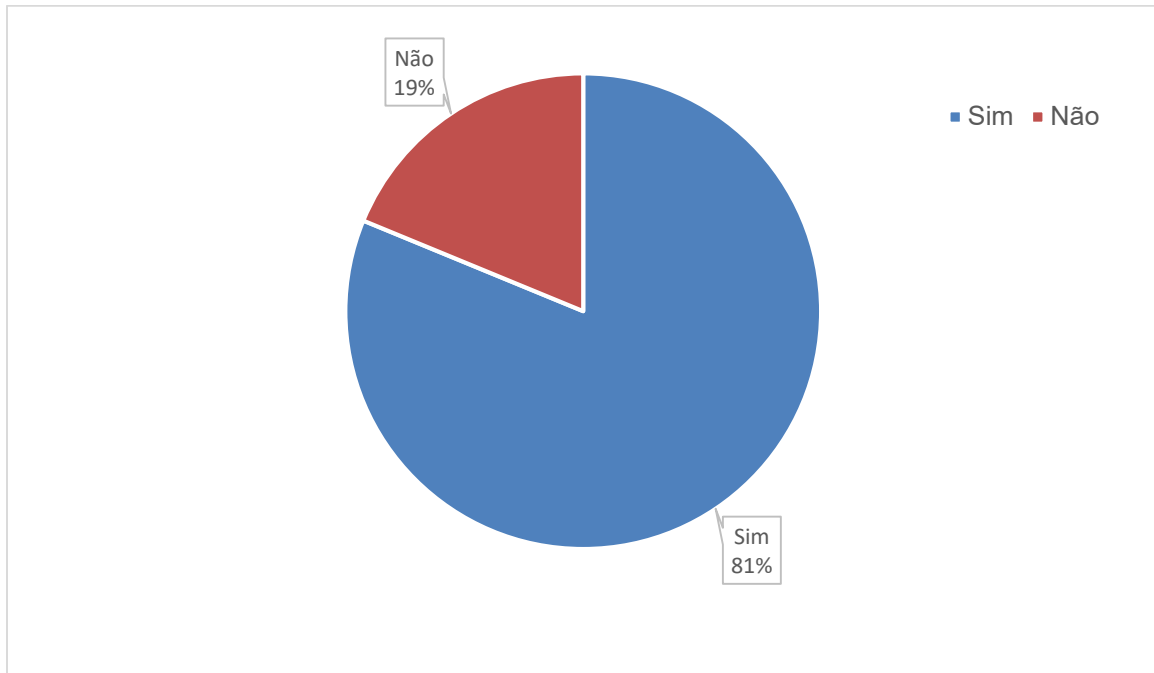
Gráfico 1 - Os professores dão suporte necessário ou fazem alguma adaptação quando ficam sabendo que o aluno tem TEA?



Fonte: Elaboração do autor.

No Gráfico 1 nota-se que 50% responderam que os professores não dão suporte nenhum ou não fazem nenhuma adaptação em relação ao plano de ensino para estes alunos. Já 50% afirma que os professores têm dado sim o suporte necessário para que o aluno possa desenvolver nas aulas.

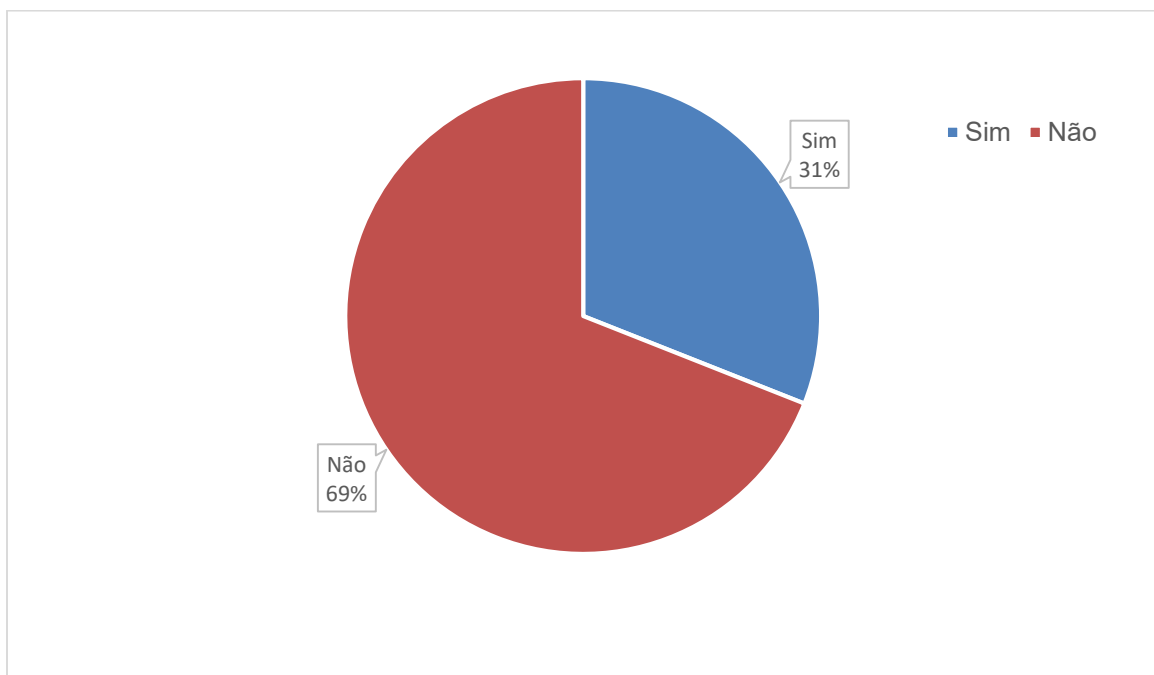
Gráfico 2 - Você tem TEA?



Fonte: Elaboração do autor.

No Gráfico 2 podemos perceber que 81% das pessoas responderam que tem autismo, além disso, estão na universidade. Já 19% responderam que não tem autismo.

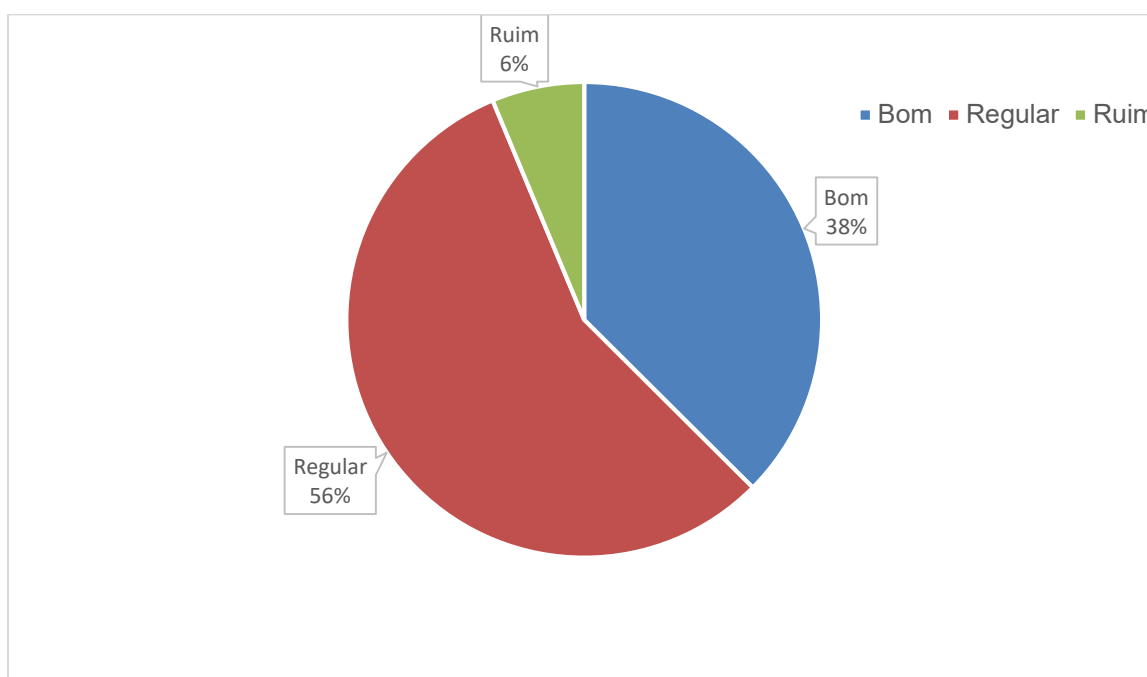
Gráfico 3 - Você acha que a UnB está preparada para receber alunos com TEA?



Fonte: Elaboração do autor.

No Gráfico 3 fica nítido que 69% responderam que a UnB não está preparada para receber alunos com TEA. Podemos afirmar que dessa porcentagem são alunos que tem autismo, ou seja, o enfrentamento de barreiras no ambiente escolar desde a educação básica se reflete no adiamento do ingresso ao ensino superior. Somam-se a isso provas e ambientes inadequados. Nos dados obtidos pelo mapeamento, constata-se que, mesmo com todo o aporte legal que obriga o acesso de estudantes com deficiência ao ensino superior, ainda é exígua a quantidade desse público nas faculdades. Além disso, a faculdade tem que ter suporte para recebê-los. Diante de tudo que foi observado e as informações obtidas, conclui-se que 31% afirma que a UnB encontra-se preparada para receber alunos com autismo assim como também os alunos com demais tipos de deficiência física ou intelectual.

Gráfico 4 – Como você acha que é o suporte da DACES?



Fonte: Elaboração do autor.

Podemos perceber que 56% afirmam que o suporte da DACES é regular já 38% afirmam que o suporte é bom e 6% falam que o suporte da DACES é ruim.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa demonstra que, sem menosprezar os avanços significativos que têm sido alcançados no campo da educação de pessoas com autismo, algumas mudanças educacionais são necessárias para que a pessoa com autismo possa ter seus direitos garantidos tanto no ambiente educacional, como na sociedade em geral, dando oportunidade de desenvolver-se integralmente.

É indispensável que o meio acadêmico e a própria sociedade mudem sua concepção sobre o autismo e passem a valorizar os autistas pelos seus talentos e não por aquilo que lhes falta.

É necessário que as instituições de ensino cumpram com suas funções sociais e políticas de educação, assim comprometam-se com a formação de cidadãos participativos, responsáveis e críticos, independente das particularidades de cada indivíduo oferecendo um ambiente preparado com outros métodos de abordagem apropriado para que os aluno com autismo se sintam acolhidos.

É preciso avançar com a inclusão dos alunos com autismo nos cursos superiores, baseando-se na aceitação das diferenças individuais, na valorização de cada pessoa e na aprendizagem por meio da cooperação. Portanto, as Instituições de Ensino Superior (IES) precisam fazer uma análise do seu papel, seu currículo, suas concepções. Isto não deve ser uma imposição, mas sim o resultado da transformação do ensino.

A inclusão do aluno com autismo ultrapassa as barreiras da sala de aula, vai além do acesso ao conhecimento, envolve todas as áreas, desde os corredores, coordenação, secretaria, biblioteca, lanchonete, etc. Embora existam leis que garantem o acesso e a permanência do aluno com autismo no ensino superior, não significa que eles sejam realmente inclusos, remetendo a real necessidade de adequação institucional relativa da inclusão na busca de melhores condições de ensino para este aluno.

Portanto, estratégias de ensino devem ser utilizadas para o ensino do aluno com autismo, pois por meio destas, este processo ocorre de forma mais prática e lúdica, proporcionando ao aluno com autismo maior proximidade com a turma, com o professor e com o conteúdo a ser trabalhado. As estratégias também são uma forma

de o aluno com TEA obter resultados significativos em sua aprendizagem, bem como uma ferramenta dinâmica a ser utilizada pelo professor.

O número crescente de estudantes com TEA no ensino superior exige da universidade mudanças significativas visando promover uma educação que, de fato, seja inclusiva. Indubitavelmente, não é possível incluir esses sujeitos sem levar em consideração que eles possuem perfis social, motor, sensorial e cognitivo distintos. Outra questão relatada pelos estudantes com TEA refere-se às dificuldades de aprendizagem associadas às habilidades organizacionais e atencionais. Ademais, os estudantes pesquisados consideraram que os suportes oferecidos pelas instituições são deficitários, tanto na identificação das necessidades educacionais especiais quanto na proposição de estratégias facilitadoras que contribuam para seu sucesso em âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

AUTISMO e educação: os desafios da vida universitária. 2020. Disponível em: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/autismo-e-educacao-os-desafios-da-vida-universitaria/>. Acesso em 20 dez. 2023

AUTISMO e realidade. Cordão de girassol: entenda sua importância e o que diz a lei. 2023. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2023/08/23/cordao-de-girassol-entenda-sua-importancia-o-que-diz-a-lei/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BAPTISTA, C. R. A inclusão e seus sentidos: entre os edifícios e tendas. *In*: BAPTISTA, C. R. (org). **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020**. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13977.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

CORREIA, L. M. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares de ensino**. Porto: Porto Editora, 1997.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

KAPLAN, B.; DUCHON, D. Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study. **MIS Quarterly**, [s.l.], v. 12, n. 4, p. 571-586, 1988.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

ROCHA, B. G. da. **O olhar do professor universitário em relação à inclusão do aluno surdo na Educação Superior**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular**: entenda o autismo. [S./]: Fontanar, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA UnB

Olá, colegas, tudo bem?

Estou fazendo uma pesquisa sobre inclusão de alunos com TEA (autismo) na Universidade de Brasília - UNB e conto com a sua participação voluntária para coletar dados através desse questionário.

O questionário não tem a intenção de medir o conhecimento do participante, sendo assim não existem respostas certas ou erradas. Você deve apenas assinalar, sinceramente, como se sente em relação ao tema abordado nas questões abaixo. O anonimato do participante será preservado.

Sinta-se à vontade para participar! A sua opinião é muito importante para a pesquisa!

1. Quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos com TEA na universidade?
2. Como deve ser o ambiente escolar para o autista?
3. Os professores dão suporte necessário ou fazem alguma adaptação quando ficam sabendo que o aluno tem TEA?

() SIM () NÃO

4. Você tem TEA?

() SIM () NÃO

5. Você acha que a UnB está preparada para receber alunos com TEA?

() SIM () NÃO

6. Como você acha que é o suporte da DACES?

() BOM () REGULAR () RUIM